

Novos desafios para a formação superior em jornalismo

entrevista com Maria Elisabete Antonioli

Luciano Victor Barros Maluly

Jornalista.
Doutor em Ciências da Comunicação e
Professor de Jornalismo, ambos na ECA-USP.
E-mail: lumaluly@usp.br

Recebido: 11 mar. 2016

Aprovado: 23 mai. 2016

Resumo: Maria Elisabete Antonioli é jornalista formada pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. É Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde também realizou um pós-doutorado. Tem experiência profissional tanto do mercado quanto do ensino do jornalismo. Nesta entrevista, expõe ideias sobre o campo da comunicação, em especial alguns desafios do jornalismo atual.

Palavras-Chave: Comunicação. Jornalismo. Formação Profissional.

Abstract: Maria Elisabete Antonioli is a journalist graduated from the Methodist University of São Bernardo do Campo. She is a PhD in Communication Sciences from the Escola de Comunicações e Artes, where she also completed a post-doctoral. She has professional experience both in the market field and in the teaching of journalism. In this interview, she shares thoughts on the field of communication, especially some challenges of today's journalism.

Keywords: Communication. Journalism. Professional Qualification.

Resumen: Maria Elisabete Antonioli es periodista graduada en la Universidad Metodista de São Bernardo do Campo. Es Doctora en Ciencias de la Comunicación en la *Escola de Artes e Comunicações*, donde también realizó un posdoctorado. Cuenta con experiencia profesional tanto en el mercado como en la enseñanza del periodismo. En esta entrevista, comparte reflexiones sobre el campo de la comunicación, especialmente algunos retos del periodismo actual.

Palabras clave: Comunicación. Periodismo. Formación Profesional.

A formação profissional é um debate constante entre os docentes do ensino superior em jornalismo, principalmente em épocas de crise e, como consequência, de demissões em massa. No centro desta discussão estão as transformações tecnológicas, que geraram mudanças nas redações e, conseqüentemente, na acadêmica. Logo, o Ministério da Educação (MEC) e as Instituições de Ensino Superior (IES) não tardaram a tomar atitudes, como as novas diretrizes curriculares e os mestrados profissionalizantes.

Maria Elisabete Antonioli é uma das principais estudiosas do país em Formação Superior em Jornalismo, com pesquisas constantes na Escola de Comunicações e artes Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde cursou o doutorado e o pós-doutorado. E na Escola Superior de Propaganda e Marketing em São Paulo (ESPM-SP) implantou os cursos de Graduação em Jornalismo e o Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado.

E nada melhor para discutir a mercado atual do que uma pioneira, que acredita na criatividade e na pró-atividade como alternativas para aqueles que desejam seguir a profissão de jornalista.

REGIT: *Qual foi o impacto da implantação das novas diretrizes curriculares em jornalismo, tanto para as instituições quanto para os professores e alunos?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: Acredito que o impacto da implantação das novas diretrizes curriculares em jornalismo não é o mesmo para todas as instituições. O impacto foi menor para as instituições que tinham os currículos atualizados em seus cursos, principalmente com referência à produção jornalística no ambiente digital e às novas mídias. Já para aquelas que estavam com seus currículos mais defasados, ou seja, que não promoveram alterações curriculares recentemente, o impacto foi maior. Foi maior também para as instituições que privilegiavam disciplinas de cunho teórico no início do curso, deixando as práticas mais à frente.

Com as novas diretrizes, a distribuição das atividades laboratoriais deve ser feita a partir do primeiro semestre. Elas também indicam que a estrutura do curso deve privilegiar a inserção precoce do aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional.

Percebe-se nessas diretrizes o fortalecimento do jornalismo pela integração das disciplinas teóricas e práticas, que são cobradas gradativamente em toda a organização curricular, a partir do início. Embora a instituição tenha liberdade para compor o perfil de seu egresso, nota-se nessas diretrizes um direcionamento para que ele tenha uma sólida formação jornalística, até porque agora temos um bacharelado e não mais uma habilitação do curso de Comunicação Social, como anteriormente.

Tanto para as instituições quanto para os professores e os alunos, assim como para as empresas jornalísticas, a inclusão da obrigatoriedade do estágio supervisionado é um componente novo, mas que só teremos a oportunidade de sentir seus resultados quando, efetivamente, esse processo ocorrer. Mesmo para as instituições que aplicaram as diretrizes logo após a promulgação de sua resolução, esse componente ainda não foi iniciado, pois a orientação é que o estágio supervisionado seja programado nos períodos finais do curso.

Então, essas atividades devem começar, provavelmente, no segundo semestre de 2016, a não ser para aquelas instituições que tenham adaptado as diretrizes para todos os alunos que cursavam a habilitação de Jornalismo. Para o desenvolvimento do estágio, a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) disponibilizou um documento orientador de procedimentos para a elaboração do regulamento de estágio que é uma grande contribuição para as instituições.

REGIT: *A criação do Mestrado Profissional em Jornalismo já era uma solicitação dos profissionais e acadêmicos da área. Qual é a transformação que esses cursos causarão ao mercado de trabalho?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: O Mestrado Profissional em Jornalismo vem atender não somente a necessidade da demanda de profissionais que buscam uma alta qualificação, como também a integração mais forte entre academia e mercado que, no Brasil, diferente de outros países, como por exemplo os Estados Unidos, ainda não é uma cultura desenvolvida satisfatoriamente. De acordo com a legislação, o Mestrado Profissional leva em consideração a importância de capacitar pesquisadores profissionais que colaborem para aumentar o potencial interno de geração, difusão e utilização de conhecimentos científicos nas empresas.

Assim, o Mestrado Profissional em Jornalismo deve qualificar pesquisadores profissionais para que os mesmos gerem conhecimento e levem a produção de ciência para as empresas jornalísticas ou mesmo para o desenvolvimento de novos projetos. É importante alcançar o mesmo patamar de outros países em relação às pesquisas que estão sendo desenvolvidas e que devem redirecionar ainda mais as práticas e os empreendimentos jornalísticos. Portanto, no momento que o jornalismo se reconfigura, tendo em vista principalmente o avanço das tecnologias digitais, o desenvolvimento de pesquisas na área será uma grande contribuição para o mercado de trabalho e para a sociedade.

REGIT: *Diante do conteúdo, quais as novidades do Mestrado Profissional em Jornalismo?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: O Mestrado Profissional em Jornalismo, assim como os outros mestrados profissionais, gera os mesmos direitos que o Mestrado Acadêmico. Uma diferença que considero fundamental é o trabalho de conclusão de curso que, no caso do Mestrado Profissional, pode ser desenvolvido em diversos formatos, como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, desenvolvimento de aplicativos, produção de programas e projetos de mídia, propostas de novos modelos de negócios em jornalismo, editoria, softwares, estudos de caso, projetos de inovação tecnológica, entre outros.

É uma oportunidade para os pesquisadores que tenham interesse na ciência voltada, também, para o mercado. Também, considero importante as indicações da legislação, em vigor, que orientam a concepção de uma estrutura curricular objetiva, coerente com as finalidades do curso e, consistentemente, vinculada à sua especificidade. Enfatiza a articulação entre conhecimento atualizado, domínio da metodologia pertinente e aplicação orientada para o campo de atuação profissional. Portanto, no caso é um curso focado no jornalismo e sua relação com o mercado de trabalho.

REGIT: *Dentro desse quadro, qual o perfil do jornalista atual e quais os principais desafios para o exercício da profissão nesse momento de PASSARALHO?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: Os desafios da profissão são muitos, principalmente nesse momento que o fazer jornalístico se alterou, em função do célere desenvolvimento das tecnologias digitais, que modificaram as rotinas de produção. Os valores do jornalismo são os mesmos, mas o modo de se fazer jornalismo não.

Então, o grande desafio é, principalmente, a emergência no desenvolvimento de modelos de negócios sustentáveis economicamente, diante da fragilização da cadeia produtiva das empresas jornalísticas. As grandes empresas de mídia, ainda, estão em processo de encolhimento de suas redações.

Acredito que esta situação deve prevalecer, pois além da instabilidade econômica do país, essas redações não comportam mais, no cenário comunicacional atual, um número grande de jornalistas. O que deve se expandir são as pequenas empresas voltadas ao ambiente digital. No caso, as pesquisas oriundas do Mestrado Profissional em Jornalismo deverão ter uma contribuição relevante para o desenvolvimento desses novos modelos.

REGIT: *Em vista da redução do quadro de profissionais das principais redações, quais seriam as alternativas de trabalho para quem fica e para quem sai da Grande Mídia?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: Minha opinião para quem fica, como também para quem sai, é se reciclar continuamente, pois no jornalismo, assim como em qualquer outro campo de trabalho, é preciso se atualizar e se capacitar constantemente. As formas de produção jornalística se alteraram radicalmente.

Hoje, o profissional participa de todo o processo jornalístico. Ele apura, fotografa, escreve, edita e publica e, para isso, deve conhecer todas as linguagens e dominar a utilização de softwares. Ele deve ser um profissional multimídia, como muitas pessoas afirmam. Por isso, deve ter familiaridade com todas as mídias, diferentemente de outrora, quando o profissional se dedicava apenas a uma. Portanto, deve ter um outro perfil.

Acredito, também, que precisamos de mais trabalhos de grandes reportagens, análises, jornalismo interpretativo e a utilização de banco de dados. Esse tipo de jornalismo está escasso. O que se tem hoje é muita informação e pouco jornalismo de profundidade e qualidade. Acho que é necessário um investimento maior em boas reportagens.

Diante desse contexto, é sempre interessante, também, destacar que as assessorias de imprensa e a comunicação corporativa continuam empregando muitos jornalistas. Embora uma parcela de jornalistas seja contrária a essa atividade, acho que é uma opção que não deve ser menosprezada.

REGIT: *Por fim, o que você diria para quem acabou de se formar em Jornalismo?*

MARIA ELISABETE ANTONIOLI: Os jovens jornalistas devem saber atuar com propriedade em todas as linguagens midiáticas e estarem abertos a novas experiências, sem ter como meta somente as grandes empresas de mídia que sofrem, atualmente, como todos sabem com a diminuição do número de profissionais. Além das competências inerentes à profissão, os jovens necessitam desenvolver competências relativas ao empreendedorismo, à gestão e ao mercado.

O jornalista contemporâneo não pode ter uma formação voltada apenas para a redação. É preciso ir além e, para isso, a criatividade e pró-atividade são elementos importantes na busca de novas oportunidades.

A competitividade é grande, por isso o jovem necessita de uma excelente formação universitária, não esquecendo que, além do domínio da língua portuguesa, deve ter, também, pelo menos o da língua inglesa. Após a formação universitária, a educação continuada deve estar nos planos dos jovens, pois se tornou quesito obrigatório para o desenvolvimento dos profissionais no mundo do trabalho.